



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO TOCANTINS- CUNTINS  
FACULDADE DE HISTÓRIA – FACHTO  
POLO UNIVERSITÁRIO DE LIMOEIRO DO AJURU**

**CLARA RÍZIA PINHEIRO FELIX**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS SABERES DE MULHERES NO USO DE ERVAS  
MEDICINAIS, NO RIO JAPIIM GRANDE, NO MUNÍCIPIO DE LIMOEIRO DO  
AJURU/PA**

**CUNTINS/UFPA-CAMETÁ**

**2023**

**CLARA RÍZIA PINHEIRO FELIX**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS SABERES DE MULHERES NO USO DE ERVAS  
MEDICINAIS, NO RIO JAPIIM GRANDE, NO MUNÍCIPIO DE LIMOEIRO DO  
AJURU/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História da Amazônia Tocantins (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CUNTINS/UFPA-CAMETÁ

2023

**CLARA RÍZIA PINHEIRO FELIX**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS SABERES DE MULHERES NO USO DE ERVAS  
MEDICINAIS, NO RIO JAPIIM GRANDE, NO MUNÍCIPIO DE LIMOEIRO DO  
AJURU/PA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto  
FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá  
Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Susana Braga de Souza  
SEMED/Cametá  
Avaliadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Renata Ferreira Siqueira  
PPGEDUC/UFPA-Cametá  
Avaliadora**

É com grande gozo que dedico este trabalho a meus pais, seu Raimundo de Trindade Felix e Dona Diná Pinheiro Felix, que dedicaram tempo e atenção a mim e a meus irmãos. O apoio e o amor de vocês tem sido presente todos os dias da minha vida. E como sempre dizem, a educação é uma das melhores coisas que vocês podem me dar. Por isso, externo a vocês toda a minha gratidão e dedico este trabalho.

Aos meus irmãos por todo carinho e apoio a mim dedicado.

A vó Odila Pinheiro, com minhas eternas saudades, minha inspiração pela escolha da temática de estudo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por tudo que ele tem feito.

A família é o maior patrimônio instituída por Deus. Desta forma, gratidão a toda a minha família, especialmente, aos meus pais, Raimundo de Trindade Felix e Dona Diná Pinheiro Felix, por tudo que fizeram e que ainda fazem por mim. Durante a minha infância morei juntamente com minha família na área ribeirinha do município Bagre-PA, no rio chamado Jacundá; e foi lá que iniciei minha trajetória estudantil. Durante o ensino fundamental menor, tive como professora minha mãe, que tenho o orgulho em dizer que é uma excelente profissional.

A escola em que eu estudava não tinha estrutura física para atender aos alunos e a turma era multisseriado, logo era necessária muita dedicação por parte da professora e também o apoio familiar para que pudéssemos aprender. E foi na sala de minha casa que tive aulas de reforço com meu pai, foi no quarto de livro da minha mãe que me apaixonei pela leitura, foi lendo os livros bíblicos de meu pai que aprendi a amar a história, e a me admirar todos os dias com a capacidade do ser humano em sobreviver nos diferentes períodos históricos.

Quando completei 12 anos foi necessário sair de casa para continuar meus estudos, pois na localidade onde residia o ensino atendia até o fundamental maior. E, foram os meus pais que me deram sempre todo o suporte para que eu continuasse estudado e lutando pelos meus sonhos.

Ser aprovada para no Curso de História da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário do Tocantins-Cametá, e permanecer cursando durante todos esses quatro anos, só foi possível porque os meus pais, a minha família estiveram comigo, ao meu lado. Portanto, o término do curso de História e deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são minhas conquistas e deles também, a alegria de deles é a minha alegria. Sou grata aos meus pais, pois, cumpriram a promessa a mim feita, de lutarem para que eu e meus irmão tivéssemos acesso à educação. Tenham certeza, meus pais amados, não há

valor neste mundo capaz de pagar tudo que vocês me propuseram e me proporcionaram. Amarei vocês eternamente!

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto, que foi minha inspiração e meu ponto de partida, a pessoa que me deu todo suporte para escrever esse trabalho, me orientado, direcionando e ensinando durante este processo. Obrigada pelos ensinamentos, pela força, confiança e pela sua gentileza.

Aos meus irmãos, Rubson, Deise e Daniel, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, incentivando, compartilhando conhecimentos e me ajudando em toda a minha trajetória. A vocês meu eterno amor.

É com dó no coração que recordo a memória da minha saudosa avó Odila Pinheiro, que foi fundamental para escolha do tema deste trabalho, minhas eternas saudades. Aos meus avós paternos, muito obrigada por todo carinho, cuidado, apoio e dedicação que vocês têm tido por mim.

A todos os meus familiares, família Pinheiro e família Felix, uma grande família, e como sempre dizemos “tamo junto”, agradeço o apoio constantemente, só tenho a agradecer a cada um, por todas as vezes que me ajudaram e cuidaram de mim. Vocês estarão para sempre em meu coração.

Aos meus amigos, que me suportaram durante esse período, sei que não foi fácil, mas sempre estiveram ao meu lado para me manter com os pés no chão e para me dizerem a verdade quando necessário. E as amigas que oram pela minha vida, tenho certeza de que cada oração chegou ao coração de Deus e ele tem me abençoado. O meu carinho de coração por cada um de vocês.

Aos meus colegas da turma de história 2019, a todos vocês minha tão grande gratidão, vocês fazem parte da minha história, sou grata por cada grupo de trabalho, cada conhecimento compartilhado.

Aos meus professores, sempre admirei cada um, agradeço por toda atenção e discursão proporcionada; o conhecimento é como um diamante, ele

precisa ser lapidado, e, através da ajuda dos docentes da Faculdade de História da UFPA/Cametá, pude me aprofundar e me tornar um ser humano melhor. Obrigada.

Aos meus tios, Alúzio Pinheiro e Dinelma, que me hospedaram em sua casa para que eu pudesse realizar a pesquisa necessária para o desenvolvimento deste trabalho. A minha prima Aquila Pinheiro, que me ajudou não só na coleta de dados, mas que sempre me apoiou e me encheu de alegria com sua companhia.

A todas as mulheres que participaram das entrevistas para realização deste trabalho, vocês foram peças fundamentais e através das histórias e relatos contados pude conhecer um pouco mais da realidade do meu próprio povo e das riquezas da região visitada. Muito obrigada.

A todos que me ajudaram diretamente ou indiretamente para viver este sonho, saibam que sempre serei grata por toda ajuda recebida.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>HISTÓRIA E OS SABERES FITOTERÁPICOS NA MEDICINA TRADICIONAL...17</b>	
1.1 Breve história do uso de ervas e plantas medicinais.....	17
1.2 Saberes tradicionais e a visão negativa para com mulheres que manuseiam ervas e plantas medicinais.....	21
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>PRÁTICAS E SABERES DE MULHERES NO USO DE PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS NO RIO JAPIIM GRANDE, NO MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO AJURU.....</b>	<b>23</b>
2.1. A fitoterapia e a medicina moderna nas comunidades rurais e ribeirinhas amazônicas.....	23
2.2. Aspectos geográficos e cultural da localidade do Rio Japiim Grande.....	26
2.3. “Nossos conhecimentos salvam vidas” .....	29
2.4. A transmissão de Saberes e práticas com ervas medicinais das Mulheres do Rio Japiim Grande.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....</b>	<b>41</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>42</b>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir a respeito do contexto histórico envolvendo mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, buscando analisar práticas e saberes tradicionais no uso de plantas e ervas medicinais de mulheres da comunidade ribeirinha localizada no rio Japiim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru. Uma vez que o uso de ervas medicinais para tratar doenças, com base na experiência e no conhecimento é uma prática muito presente na atualidade, possuindo significativa importância para as sociedades ribeirinhas, visto que esses conhecimentos carregam consigo parte da sua cultura e da sua ancestralidade; são saberes repassados de mães para filhas ao longo dos anos. E esse ato garante a preservação dos conhecimentos daquele povo. Metodologicamente os passos da pesquisa ocorreram a partir de levantamento bibliográfico e estudo de textos, livros e artigos, que tratam da temática em questão. Da mesma forma, foi realizada a pesquisa de campo, mediante observação em lócus, diálogo informal e realização de entrevista com mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, para buscar compreender suas respectivas ligações com o uso de plantas medicinais, técnicas de manejo e modos de preparar os medicamentos para diferentes finalidades. Desta forma, trabalha-se com fontes orais, fontes escritas, imagéticas e bibliográficas. Destaca-se, que os dados deste estudo apontam que os saberes fitoterápicos vêm sendo preservados ao longo do tempo, e que a medicina popular está presente no dia a dia das diversas comunidades, ribeirinhas e rurais da região Amazônica, sendo as mulheres as detentoras desses saberes e peças fundamentais no repasse deles. Assim, nos proporcionando acesso aos conhecimentos e saberes das mulheres habitantes da comunidade do Rio Japiim Grande, no cultivo, técnicas de manipulação e utilização de ervas e plantas no tratamento de diferentes enfermidades da sua gente, a partir dos conhecimentos, que possuem das propriedades curativas das plantas, próximas de suas casas ou nas matas e beiras de rios e igarapés, têm ajudado a salvar vidas nos locais onde moram.

**PALAVRAS-CHAVES:** História, Memória, Saberes feminino. Ervas Medicinais.

## **ABSTRACT**

The present work aims to reflect on the historical context involving women holders of phytotherapeutic knowledge, seeking to analyze traditional practices and knowledge in the use of medicinal plants and herbs of women from the riverside community located on the Japim Grande River, in the municipality of Limoeiro do Ajuru. Since the use of medicinal herbs to treat diseases, based on experience and knowledge is a practice very present today, having significant importance for riverside societies, since this knowledge carries with it part of their culture and ancestry; They are knowledge passed on from mothers to daughters over the years. And this act guarantees the preservation of the knowledge of that people. Methodologically the steps of the research are from bibliographic survey and study of texts, books and articles, which deal with the theme in question. Likewise, field research is carried out, through locus observation, informal dialogue and interviews with women with phytotherapeutic knowledge, in order to seek to understand their respective links with the use of medicinal plants, management techniques and ways of preparing medicines for different purposes. In this way, we work with oral sources, written sources, imagery and bibliographic sources. It is noteworthy that the data of this study indicate that the phytotherapeutic knowledge has been preserved over time, and that folk medicine is present in the daily life of the various communities, riverside and rural of the Amazon region, with women being the holders of this knowledge and fundamental pieces in the transfer of them. Thus, providing us with access to the knowledge and knowledge of the women inhabitants of the community of the Japiim Grande River, in the cultivation, techniques of manipulation and use of herbs and plants in the treatment of different diseases of its people, from the knowledge, which they have of the healing properties of the plants, near their homes or in the forests and edges of rivers and streams, they have helped save lives in the places where they live.

**KEYWORDS:** History, Memory, Feminine knowledge. Medicinal Herbs.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por muito tempo carregou-se uma concepção negativa de mulheres portadoras de conhecimentos fitoterápicos; houve um tempo em que mulheres eram mortas na fogueira por serem consideradas bruxas pelo simples fato de ter o conhecimento e fazerem uso de plantas medicinais. Concernente a esse assunto descreve Lucia Tosi, “Com efeito, um contingente importante das acusadas de bruxaria estava formado por mulheres velhas que dominavam um saber ancestral, que consistia no uso de ervas de reconhecida eficácia” (TOSI, 1998). Muitas mulheres morreram injustamente. Além do mais um papel diabólico era destinado a essas mulheres, como alguém que carregava a encarnação de “satã”. Ao longo dos anos esse cenário mudou, principalmente a partir da revolução científica do século XVI, onde as mulheres com muita luta passaram a ganhar mais espaço.

Nos dias atuais a fitoterapia tem uma grande aceitação nas mais variadas sociedades, principalmente nas comunidades ribeirinhas. Por se localizarem em região ribeirinha, muitas das vezes a população que habita esses lugares não tem acesso imediato a medicamentos para tratar uma determinada doença. E para adquirir esse medicamento é necessário se deslocar de sua localidade para vim até a sede do município. É nesse cenário que se destaca a importância do uso de ervas medicinais; pois através de seu uso vidas chegam até mesmo ser salvas; além de assegurar a população a capacidade de cuidar e de sarar determinada doença. “O poder das plantas medicinais é refletido pelas dimensões curativas” (PINTO e PINTO, 2021).

Neste sentido, o presente estudo objetiva analisar o uso empírico de plantas medicinais utilizada pelas mulheres no rio Japim Grande, município de Limoeiro do Ajuru (PA), para tratar AS ENFERMINADES DA SUA GENTE. Uma vez que o uso de plantas medicinais para fins terapêuticos vem desde os primórdios; as sociedades mais antigas já colhiam plantas para funções medicinais. Usar ervas medicinais para tratar doenças, com base na experiência e no conhecimento é uma prática muito presente na atualidade, essa prática possui uma significativa importância para as sociedades ribeirinhas, visto que esses

conhecimentos carregam consigo parte da sua cultura e da sua ancestralidade; são saberes que foram repassados de mães para filhas ao longo dos anos. E esse ato garante a preservação dos conhecimentos daquele povo.

mulheres velhas que dominavam um saber ancestral, que consistia no uso de ervas de reconhecida eficácia. Esse saber, transmitido por via oral, era, em princípio, acessível a qualquer um, mas essas mulheres o herdavam através de laços familiares ou de vizinhança e eram, por assim dizer, as principais depositárias (TOSI, 1998, P. 395).

Visto que que as mulheres da comunidade do Rio Japim Grande têm relação direta com o uso de ervas para fins medicinais, e essas por meio da oralidade transmitem esses saberes ancestrais para as mulheres mais novas, como forma de preservarem a cultura local.

É importante ressaltar que a pesquisa que originou este estudo enveredou por uma abordagem qualitativa. Segundo afirma Godoy a pesquisa do tipo qualitativa:

Não procura enumerar e / ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995).

Desse modo, foi desenvolvida mediante métodos etnográficos, adequado para explorar costumes, valores e saberes envolvidos no contexto cultural da determinada comunidade. Neste sentido, se utilizou fontes orais, mediante relatos orais, entrevistas e histórias de vida dos moradores da localidade em estudo.

Alessandro Portelli afirma que “As fontes históricas orais são fontes narrativas” (POETELLI, 1997). Desse modo o uso da oralidade se mostra indispensável para base de construção deste trabalho, visto que, é através das entrevistas realizadas com mulheres portadora de experiências e vivências com plantas medicinais para fins terapêuticos, que se constrói os conhecimentos essenciais para este estudo.

Desse modo, conhecer diretamente os saberes dessas mulheres, suas maneiras de manipulação das plantas e formas como se dá o uso das ervas

medicinais, abarca uma abundância de conhecimento. David, diz que “A história oral, como metodologia qualitativa de pesquisa, traz outras dimensões ao debate historiográfico. Por meio dela o historiador consegue visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico” (DAVID, 2013). Pinto, também nos traz uma rica definição de história oral; “A história oral traz a História para dentro da comunidade e extrai a História de dentro da comunidade, (...) lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo ação” (Paul Thompson, 1992 apud PINTO, 2010).

Por motivos de ser deficiente o campo informativo no que diz respeito a trabalhos científicos direcionados ao uso de ervas medicinais pelas mulheres ribeirinhas do município de Limoeiro do Ajuru, torna este trabalho de alta relevância para a compreensão do processo histórico envolvendo mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, a importância e utilidade de plantas medicinais nas comunidades ribeirinhas manuseadas por mulheres e o uso da fonte oral como importante instrumento de pesquisa.

Mostra-se também relevante destacar que mediante um cenário de constante mudanças esses conhecimentos carregam consigo características culturais que sobrevivem nessas comunidades ao longo dos anos. Deste jeito, este estudo irá deixar registrado para a comunidade as formas e maneiras de cultivos de ervas e o processo de preparação delas para fins medicinais, ressaltar a importância de preservar e repassar esses conhecimentos para as novas gerações, além de valorizar a cultura local e o saber de mulheres que dedicam do seu tempo para ajudar aqueles que precisam.

A escolha do tema trabalhado ganhou relevância devido ao estudo no curso de história, cujas discussões e exposição de textos dos mais variados autores nos levam a conhecer características culturais até então desconhecidas; desse modo despertam o interesse em buscar compreender mais a fundo a história de mulheres ricas em habilidades que preservam consigo conhecimentos ancestrais. A possibilidade de ampliar os conhecimentos a cerca deste assunto, e de ter maior compreensão das características de nossa cultura com a ajuda de autores e pesquisadores foi relevante. Todavia, a decisão final de seguir essa linha de pesquisa me veio logo após ao falecimento de minha avó materna, pois a mesma era uma mulher que trabalhava diretamente com plantas e ervas medicinais, uma

senhora que cuidava não só de seus familiares, mas que também ajudava toda sua comunidade através de seus conhecimentos e manuseio de plantas com propriedades curativas; sendo assim, este trabalho é uma maneira de preservar a memória de um ente querido que tanto contribuiu para minha jornada como estudante.

Desse modo, este trabalho dá ênfase as mulheres do rio Japim Grande no município de Limoeiro do Ajuru, dialogando com elas a respeito de conhecimentos concernente ao uso de plantas medicinais para tratar doenças, visto que as mesmas desempenham um importante papel no âmbito família, pois são elas quem cuidam de seus familiares em situação de doença. O fato de vivermos em uma região que o bioma é favorável ao plantio, mostra-se fértil o campo de pesquisa dos mais variados tipos de ervas utilizadas no tratamento de enfermidades.

Assim sendo, o objetivo geral do presente estudo é refletir a respeito do contexto histórico envolvendo mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, buscando analisar práticas e saberes tradicionais no uso de plantas e ervas medicinais de mulheres da comunidade ribeirinha localizada no rio Japim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru. E como objetivos específicos compreender o debate ideológico acerca das mulheres que utilizavam ervas medicinais, no sentido de analisar por que se dava/dá o preconceito e discriminação com essas mulheres. Da mesma forma, analisar o uso empírico de plantas medicinais por mulheres e compreender as características e eficácia das mais variadas espécies de plantas e o protagonismo dessas mulheres com suas práticas e conhecimentos tradicionais, visando refletir a respeito de como vem se dando a transmissão das práticas e saberes dessas mulheres na região do rio Japim Grande no município de Limoeiro do Ajuru.

Metodologicamente, a pesquisa que deu origem a este estudo ocorreu da seguinte maneira: primeiramente foi realizado levantamento bibliográfico e leitura de textos, livros e artigos, que tratam o tema em questão. Para tanto, se realizou pesquisa bibliográfica para analisar o meio em que a mulher estava inserida, e como se dá o preconceito em relação as mulheres que fazem uso de conhecimentos fitoterápicos. Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo, por meio do diálogo e entrevista com mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, para se buscar compreender suas respectivas ligações com o uso de

plantas medicinais, técnicas de manejo e modos de preparar os medicamentos para diferentes finalidades.

A partir dessa etapa as narrativas coletadas foram sistematizadas e analisadas, dando destaque para os relatos de cada colaborador(a) da pesquisa como importante fonte detentora de conhecimento. E usar essas narrativas para produção de fontes escritas, construídas diretamente a partir dos saberes dessas mulheres. Desta forma, para processos de coleta de dados, mediante entrevistas, foi feito o uso de um roteiro, que serviu como guia, além de um questionário com perguntas relacionadas a sua vivência e experiência com plantas medicinais, que ajudou a compreender e sintetizar os saberes das entrevistadas.

Como recursos técnicos foi utilizado celular para gravar a experiência das entrevistadas e, também, para fotografar o material visual do trabalho, caderno, caneta e lápis para fazer anotações. Desta maneira, trabalhamos diretamente com fontes orais e bibliográficas que foram essenciais para a construção deste trabalho, pois através das narrativas das mulheres que se deu a realização da pesquisa, que constituiu este trabalho. Além de ajudar compreender mais a fundo as práticas ligadas ao uso de ervas medicinais.

Assim sendo, o presente estudo é resultado de uma pesquisa semiestruturada, realizada em comunidade ribeirinha, localizada no rio Japim Grande no município de Limoeiro do Ajuru/PA, cuja coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas e conversas informais com as mulheres dessa localidade, em busca de informações relacionadas as práticas cotidianas de curas, o manuseio e preparo das ervas e plantas usadas por elas para comporem os remédios tradicionais, com quais tratam as doenças ou evitam os adoecimentos. Assim como, ocorre a transmissão desses saberes e conhecimentos para as gerações mais novas.

Na ocasião foram entrevistadas a senhora Maria Domingas (avó), Dinelma (filha), Aquila Dieni (neta), também foi entrevistada a moça Deise, uma Jovem de 17 anos, que conhece a propriedade de algumas plantas e sabe manusear algumas ervas para preparar remédios caseiros. Todas essas entrevistadas assinaram o termo de Esclarecimento de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando suas falas e imagens neste trabalho de conclusão de curso. E foi através das narrativas destas mulheres que passamos a entender a importância do

uso de ervas e como ocorre o repasse desses saberes, práticas e conhecimentos tradicionais entre elas.

Desta forma, o presente trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, ***História e os Saberes Fitoterápicos na Medicina Tradicional***, faz um levantamento bibliográfico a respeito do uso de ervas e plantas medicinais desde os primórdios, demonstrando como os povos mais antigos estiveram diretamente relacionados com as propriedades curativas das plantas e a maneira que cada civilização fez uso de ervas medicinais. Da mesma forma, evidência que no Brasil o uso de ervas medicinais ocorre desde muito antes do período pré-cabraliano e parte dos saberes que herdamos vieram de nossos ancestrais indígenas. Este capítulo também discorre a respeito do preconceito sofrido pelas mulheres detentoras desses saberes tradicionais, a maneira pela qual elas eram vistas diante da sociedade e as constantes perseguições sofridas por elas ao decorrer do tempo. Assim como, enfatiza a resistência permanente dessas mulheres.

O segundo capítulo, ***Práticas e Saberes de Mulheres no uso de Plantas e Ervas Medicinais no Rio Japim Grande, no Município de Limoeiro do Ajuru***, discorre a respeito do uso das plantas para fins curativos, trata-se em especial das práticas e saberes das mulheres no manuseio de plantas/ervas medicinais na comunidade do Rio Japim Grande no município de Limoeiro do Ajuru. Este capítulo também traz alguns aspectos da localidade do Rio Japim Grande e do dia a dia das mulheres que residem neste rio. Da mesma forma, trata dos mais variados tipos de plantas que utilizados, além do vasto conhecimento das mulheres da localidade em estudo em relação a eficiência de cada planta. Ressaltando, que a experiência e vivências dessas mulheres são repassadas de geração em geração, por isso, as meninas mais novas carregam consigo o saber tradicional herdados da avó ou da mãe através da oralidade e da observação. Deste modo, conservando a memória e a cultura tradicional deste povo.

## **CAPÍTULO I**

### **HISTÓRIA E OS SABERES FITOTERÁPICOS NA MEDICINA TRADICIONAL**

#### **1.1. Breve história do uso de ervas e plantas medicinais**

Com a evolução dos meios tecnológicos e conseqüentemente da medicina moderna e a evolução da indústria farmacêutica, o tratamento através de aparelhos, medicamentos e hospitalar, tornou-se mais popular e praticado pela população. Todavia, mesmo com a modernização da medicina o tratamento terapêutico através de plantas com propriedades terapêuticas continua fazendo parte do cotidiano da população mundial. O tratamento com remédios de origem vegetal é conhecido como fitoterapia, é uma prática da medicina tradicional, desenvolvida pelo homem a partir do seu contato com a natureza (BORGES, 2021). Para Barbosa, a fitoterapia se define como:

A Fitoterapia é o estudo das plantas medicinais e suas aplicações na cura das doenças pelo aproveitamento de espécies vegetais, que engloba a importância dos agrupamentos humanos devido seus múltiplos fatores que compõem espectros que vão: do cultural macroeconômico, passando por políticas de saúde e por estratégias de produção da indústria farmacêutica (BARBOSA, 2009).

O conhecimento do ser humano em relação à natureza se aprimorou ao decorrer dos anos, através da arte de experimentar e da vivência, graças a essa evolução hoje conhecemos as propriedades de variados tipos de ervas e plantas que utilizamos em nosso dia a dia para os mais diversos fins, especialmente para fins curativos. A fitoterapia está presente no cotidiano da humanidade desde os séculos mais antigos; o uso de plantas com propriedades terapêuticas é uma atividade que vem de geração em geração, sendo repassada para as novas gerações que preservam esses conhecimentos (BORGES, 2021).

Diariamente tomamos chás que ajudam no metabolismo, ou então usamos outras ervas para tratar enfermidades, isso prova que a medicina tradicional está presente em nossa realidade, nos oferecendo soluções e ajudando a conter as dificuldades relacionadas a saúde.

A medicina popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia

a dia. Ela aproxima e fortalece as relações sociais entre as pessoas, já que pressupõe ajuda e solidariedade. Além disso, é uma medicina barata, próxima e acessível (OLIVEIRA, 1985).

As populações das comunidades ribeirinhas mantêm contatos mais diretos com a natureza. Nessas localidades a fitoterapia é praticada com mais frequência, uma vez que, o acesso a remédios e a consultas médicas é mais restrito. Nestas condições, é comum se observar que as mulheres mais velhas desempenham papéis de curandeiras, conhecedoras dos mais variados tipos de ervas, com as quais cuidam de sua gente nos casos de adoecimentos. Desta forma, segundo afirma Correa Junior (1991), a busca e o uso de plantas com propriedades terapêuticas é uma atividade que vem de geração a geração, e são descritos com o intuito de preservar essa tradição milenar, sendo atestados em vários tratados de fitoterapia, cujo conhecimento e formas de manuseios desse saber tradicional é repassado de geração em geração no decorrer do tempo. Uma vez que, as civilizações mais antigas trabalhavam com a fitoterapia e nos dias de hoje carregamos marcas dessas tradições, que ainda se fazem presentes em nossa sociedade (CORREA JUNIOR, 1991).

Desde os primórdios o homem e a natureza matem uma relação de dependência, pois é dela que ele tira o essencial para sua sobrevivência. O uso de ervas para fins medicinais remota há um passado muito distante. “Muito antes de surgir a escrita o homem já usava ervas para fins alimentares e Medicinais.” (BANÓSKI,.2002).

Gadelha, Júnior, Bezerra, Pereira e Maracajá, em um estudo bibliográfico sobre o uso de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil, dizem que:

A utilização de espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças, constitui uma prática que remonta ao início da civilização. Assim, desde o momento em que o homem tomou consciência que era possível modificar o meio ambiente para seu próprio benefício, passou a utilizar algumas plantas para fins medicinais... As plantas são usadas como medicamentos pela humanidade a milhões de anos, ou seja, é tão antiga quanto à história do homem (GADELHA; JUNIOR; BEZERRA; PEREIRA E MARACAJÁ, 2013).

Partindo das análises desses autores, se observa que o uso de plantas e ervas medicinais é visto pela sociedade como parte integrante do seu desenvolvimento humano, fazendo, portanto, parte da sua história; seu uso

remonta a um passado longínquo, compondo, assim, a história das civilizações antigas. Conforme afirmam, “na Antiguidade, na Grécia e em Roma, a medicina sempre esteve estreitamente dependente da Botânica”. E o processo de evolução no conhecimento das propriedades dessas plantas se deu a partir “de descobertas por tentativas, de erros e acertos” GADELHA; JUNIOR; BEZERRA; PEREIRA EMARACAJÁ, 2013).

Solange Banóski (2002) também faz referências a respeito das civilizações mais antigas, que faziam o uso de plantas medicinais para tratar suas enfermidades, em uma época em que a indústria farmacêutica ainda não havia se desenvolvido, quando o manuseio das mais variadas ervas/plantas se mostrava de sua importância para preservação e manutenção da vida. Banóski menciona que os documentos médicos mais antigos, que se referem às propriedades medicinais das plantas, é um tratado médico datado de 3.700 AC, da China, escrito por Shen Wung, um imperador sábio que fazia experiências com as plantas (BANÓSKI, 2002).

Lôbo (2014), ressaltar que no Egito, muito antes de cristo, os egípcios se destacavam pelos seus conhecimentos em manusear diversas ervas tanto para fins alimentícios e cosméticos como para fins medicinais, estes acreditavam na vida após a morte, contudo isso só aconteceria se o corpo do indevido estivesse em bom estado. “Na crença da vida após a morte, o templo de Osíris representava o lugar no qual os mortos seriam julgados e se por acaso, fossem absolvidos poderiam retornar a seus próprios corpos” (LÔBO, 2014). Conforme destaca Pinto (2018), os egípcios se distinguem por desenvolverem “a arte de embalsamar cadáveres para preservar os corpos da deterioração”. Nestas condições, o embalsamamento consistia em preservar e conservar o corpo através do uso de substâncias extraídas de plantas. Essa prática é também conhecida como mumificação; e para desenvolvê-la os egípcios “experimentaram muitas plantas, cujas experiências e sabedorias curativas estavam desde a formulação de venenos aos processos de conservação de Defuntos” (PINTO, 2018).

Segundo afirma Banóski (2002), a Grécia também ficou conhecida pelos seus saberes fitoterápicos, Hipócrates, considerado o pai da medicina, grego, diz que os bons hábitos são essenciais para manutenção da vida, “a dieta, os hábitos higiênicos do corpo e da mente eram sempre baseados em ervas e em princípios

filosóficos”. E que os conhecimentos e os princípios filosóficos de Hipócrates são usados até os dias atuais como juramento pelos médicos. Assim sendo, a obra “corpus Hippocraticum”, de Hipócrates, faz uma síntese dos conhecimentos desse autor, indicando um remédio vegetal para cada enfermidade (BANÓSKI, 2002).

Marques (1999), diz que a Índia, há aproximadamente há 5.000 a.C, utilizava as ervas medicinais para o tratamento das doenças. Provando que o uso de ervas fazia parte do cotidiano daquele povo (MARQUES,1999). Neste sentido, conforme afirma Lôbo (2014) a inserção das ervas era bastante praticada nos cuidados da saúde das comunidades indianas.

No continente americano, em especial o território que hoje é denominado Brasil, os nativos que aqui vivem, tem um amplo conhecimento de diversas ervas, Gurgel (2011), diz que os nativos tiveram a oportunidade de se beneficiarem da enorme diversidade do meio natural do território brasileiro, sendo que estes apresentavam familiaridade com as plantas e suas propriedades medicinais. Os indígenas faziam e fazem o uso de plantas para tratar sua gente. O pajé, figura importante nas comunidades indígenas, desempenha um papel religioso, mas também de curandeiro; tratando as enfermidades do seu povo através de misturas e ervas colhidas da natureza (MARQUES,1999).

Desta forma, quando os europeus chegaram na América se deparam com uma grande riqueza natural, porém não conheciam as propriedades de cada planta. Banoski afirma que os portugueses desprezavam a medicina indígena, dizendo que eles não tinham conhecimento de ervas com funcionalidades curativas, o que é um equívoco, pois hoje sabemos que os europeus adquiriram conhecimentos das ervas medicinais com os indígenas (BANOSKI, 2002). É válido ressaltarmos que para muitas dessas civilizações a questão religiosa e os rituais de cura através de ervas medicinais estavam ligados, como no caso do Egito. Todavia, nem todo povo via desta maneira.

## **1.2. Saberes tradicionais e a visão negativa para com mulheres que manuseiam ervas e plantas medicinais**

Toda comunidade, todo povo, tem sua cultura, e nem toda cultura está registrada. Nestas condições, em todo momento estamos criando histórias, com isso a nossa vivência é rica em saberes tradicionais, saberes que não estão registrados em documentos oficiais, mas que estão presente em nossa comunidade, no lugar onde vivemos, por gerações. Durante os longos anos de vivencias as pessoas constroem saberes a partir de suas experiências e vivencias com o meio ambiente, e esses conhecimentos caracterizam aquele povo, fazem parte da identidade de quem eles são.

De acordo com Borges (2021) os saberes tradicionais são saberes que estão relacionados ao pessoal e as experiencias de vida das pessoas de uma determinada comunidade, que podem ser resultantes da história da relação dos povos tradicionais com a natureza e esses conhecimentos se baseiam na experiencia e na observação, transmitida para as gerações futuras através da oralidade (BORGES, 2021). Os “Saberes tradicionais são conjuntos complexos que se apoiam na tradição, na observação e na utilização dos processos e recursos biológicos” (ALONSO, 2005). Deste modo, os saberes tradicionais de manuseio de plantas medicinais estão presentes nas mais variadas comunidades em especial nas ribeirinhas, nas quais, as mulheres são detentoras de conhecimentos que usam suas habilidades para tratar doenças e cuidar daqueles que precisam.

Como já vimos anteriormente, a partir das análises dos autores estudados, o tratamento de enfermidades com o uso de ervas medicinais é praticado deste o início da humanidade, contudo, carrega-se uma visão negativa de mulheres que trabalham com o manuseio de ervas. Segundo Carneiro (2005), durante a idade média a igreja controlava não só o sistema religioso como também as demais coisas que aconteciam na sociedade, sendo assim tudo que não fosse considerado legitimo pelo clero eram considerados ilegal. Todo tipo de tratamento ou ritual realizado sem a autorização e legitimação da igreja era tido como ato de bruxaria.

“Sendo assim, toda pessoa que praticasse tais atos eram acusados de bruxaria” (CARNEIRO, 2005).

Neste sentido, Tosi (1998) menciona, que a característica mais marcante dos processos de bruxaria é o da criminalização das mulheres, e a criação de estereótipos, pois a bruxaria foi considerada uma prática demoníaca e a mulher o principal agente do demônio; à vista disso, em um período que o uso e manuseio de plantas medicinais em sua maioria eram considerados como condutas ilegais, o número de mulheres incriminadas foi elevado (TOSI, 1998). Neste sentido, segundo afirma Carneiro (2005), “os indivíduos que as praticavam poderiam ser acusados de bruxaria, deixando a cargo da Igreja o destino dos incriminados, dentre as condenações se tinha a morte dos acusados em praça pública como forma de contensão a esse exercício” (CARNEIRO, 2005). A perseguição realizada a mulheres que possuíam conhecimento das propriedades curativas das plantas era justificada pela igreja.

Por isso, muitas mulheres foram mortas na fogueira por serem acusadas de bruxaria e outras foram expulsas da sociedade por serem consideradas perigosas. Elas eram obrigadas a viverem escondidas e muitas das vezes em lugares inapropriados, sempre em alerta caso fossem descobertas.

O Brasil, por ter sido invadido e colonizado por Portugal, tomou-se um país predominantemente cristão; onde a cultura do homem branco europeu é tida como certa e superior enquanto as demais são vistas como inferiores e erradas. Deste modo constitui-se um preconceito às culturas indígenas e africanas, estas são vistas como encarnação do demônio e consideradas pagãs. Logo, as mulheres indígenas e africanas que trabalham com a medicina popular, a base de saberes fitoterápicos, são alvos de discriminação acentuada, pois elas são jugadas pela cor da pele e por suas origens.

Os costumes europeus eram totalmente diferentes comparados aos dos nativos que aqui viviam, sendo assim as culturas indígenas foram horrorizadas e tidas como práticas satânicas; ao decorrer dos anos essas concepções deturpadas foram repassadas para as gerações futuras, que cresceram ouvindo histórias que engrandecem a cultura do colonizador e menospreza os costumes dos nativos. (MUNANGA, 2020). Neste sentido, mulheres indígenas que carregam consigo saberes tradicionais de seus povos e fazem o uso desses conhecimentos para

tratar e prevenir as enfermidades de sua gente são alvas de preconceitos e discriminação de maneira mais intensa (PINTO, 2010). A questão das mulheres negras afrodescendentes se assemelha as da mulher indígena. Os africanos antes de serem trazidos para o Brasil eram obrigados a se tornarem cristãos, “a implantação europeia ... utilizando, entre outros recursos, a conversão do negro ao cristianismo” (MUNANGA, 2020). Os negros passavam por um processo de subjugação de suas culturas, a fim de que todos seus costumes e rituais fossem deixados para trás; contudo, mesmo diante das grandes atrocidades que eles eram submetidos, estes povos negros resistiram.

Os colonizadores tentavam apagar a identidade dos povos africanos de todas as formas, subjugando suas culturas, acabando assim com qualquer forma de resistência que esses poderiam praticar, durante o trajeto que faziam do seu país de origem, até o destino final. Contudo, quando chegavam em solo essas tentativas de controle e domínio sobre esses sujeitos e suas culturas falhavam, pois quando chegavam ao destino final, os cativos se reinventavam, resistindo de diversas formas em relação ao domínio que lhes era imposto ... muitas foram as formas de resistência do povo negro, que criava estratégias para reinventar suas culturas, identidades. E, sem dúvidas, uma dessas formas de resistência foi através da medicina, das suas práticas de cura, que tiveram que adaptar conforme as ervas e plantas nativas que havia desse lado do oceano (CARVALHO, 2023).

Os longos anos de escravidão, e a falta de políticas que visem inserir o negro na sociedade brasileira permitiu que no Brasil fosse construído um racismo estrutura; onde populações negras e suas culturas são discriminadas constantemente. No caso da mulher negra, detentora de conhecimentos fitoterápicos, ela é tida como adepta de religiões diabólicas e motivo dos mais diferentes tipos de discriminação.

Sendo assim, percebe-se que no Brasil, o preconceito e a perseguição a mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos se configuram de um longo processo histórico.

E esse estereótipo, criado ao longo dos anos, pendura-se até os dias de hoje, quando, muitas mulheres detentoras de saberes tradicionais ainda são vistas como bruxas; excluídas da comunidade; ou seja, a criminalização continua, contudo, os tempos são diferentes e os costumes, assim como, a cultura continuam em mudanças.

## **CAPÍTULO II**

### **PRÁTICAS E SABERES DE MULHERES NO USO DE PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS NO RIO JAPIIM GRANDE, NO MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO AJURU**

#### **2.1. A fitoterapia e a medicina moderna nas comunidades rurais e ribeirinhas amazônicas**

O Brasil, é considerado um país continental por causa da sua extensão territorial; neste vasto território há presença de milhares de plantas que podem ser usadas para fins alimentícios, cosméticos e curativos. Com a mistura dos costumes de diversos povos como; indígenas, africanos e europeus, formou-se a cultura brasileira; uma cultura diversa que traz consigo conhecimento do manuseio dos mais variados tipos de ervas. A prática da medicina tradicional é praticada no Brasil desde a muito tempo mesmo antes da chegada dos portugueses. “Como atentos observadores e dependentes da natureza, os indígenas conheciam bem a flora da região e não desperdiçaram a oportunidade de sua benéfica utilização” (PINTO, 2018).

De acordo com Pinto (2018) em sua pesquisa sobre plantas medicinais, foi implantado no Brasil em 1983, o programa de pesquisas em Plantas Medicinais; O primeiro investimento público em relação a fitoterapia realizado pela central de medicamentos (CEME). Posteriormente muitos outros investimentos foram realizados para implementar o estudo de plantas com propriedades curativas (S, PINTO, 2018). Nos dias atuais é vasto o campo de conhecimento a respeito da fitoterapia e das propriedades naturais de muitas plantas do nosso território. Com toda essa diversidade, em destaque a região amazônica, “que foram catalogadas várias espécies nativas e cultivadas” (SIQUIERA, 2008), é comum fazermos o uso de ervas medicinais no nosso dia a dia, uma vez que a fitoterapia tem se mostrado um excelente aliado no tratamento de enfermidades e ajudado na manutenção da vida; “Pode-se creditar ainda o uso de plantas medicinais não apenas pela influência cultural, mas também pela sua facilidade de acesso e custo reduzido”

(MATOS, MATOS, BRITO, 2008). O uso de plantas para fins curativos está presente no cotidiano da nossa gente em especial nas comunidades ribeirinhas, sendo que estas mantem um contato mais direto com a natureza e a obtenção destas plantas é mais acessível.

Na maioria das localidades rurais e ribeirinhas da região amazônica a fitoterapia age em conjunto com medicina moderna. Nessas comunidades as mulheres mais velhas desempenham um papel fundamental, são elas quem cuidam da sua gente. Estas mulheres carregam em suas memórias diversos saberes de manuseio e práticas de ervas, que são usadas de acordo com a necessidade da comunidade local; esses conhecimentos têm se mostrado essencial nessas localidades, uma vez que o acesso a hospitais ou a profissionais da área da saúde é mais restrito. Pinto (2010), em sua obra filhas das matas; práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia tocatina, fala da importância que a mulher curandeira desempenha em sua comunidade, e como essas mulheres carregam consigo um vasto conhecimento dos mais variados tipos de plantas medicinais.

Nos povoados rurais da região do Tocantins, parteiras, curandeiras e benzedoras empregam todos os recursos de uma “farmacopéia” multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar os pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam medicina doura (PINTO, 2010. P, 296).

De acordo como mostra Pinto (2010), a medicina tradicional tem se mostrado um dos principais recursos utilizados pelas comunidades rurais, e nesse contexto as mulheres ganham um importante destaque, já que elas “são vistas como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer aliviar, com unguentos, banhos chás de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso” (PINTO, 2010, p:105).

Contudo, o uso da medicina tradicional, não significa que as pessoas desconheçam ou até mesmo negligenciam o uso da medicina moderna; muito pelo contrário, em determinadas situações as duas se complementam. Pinto (2018) descreve o longo processo do avanço científico, onde saberes e tratamentos a base de plantas que eram desprezados passaram a ser estudados e incorporado pela medicina moderna:

As formas de tratamento de doenças por meio de raízes, ervas, sangrias, argila, urina, fezes, saliva, pomadas de

açúcar e mel, foram mecanismos utilizados por muito tempo pelos antigos para a cura de vários males, considerados como crendices, mas que, por meio experimental de algum ramo da ciência, acabaram ganhando novos significados pela medicina moderna (PINTO, 2018. p, 71).

Os saberes tradicionais deram subsídios para a medicina moderna. Remédios à base de ervas passaram por um processo de experimentação até que eles foram inseridos a novas fórmulas, ganhando um nome e tendo um lugar nas farmácias. “A história da medicina moderna buscou sustentação nas fontes da sabedoria popular. Isso nos leva a compreender que a transmissão do comportamento apreendido está vinculada as formas medicinais e a relação com tempo/espaço” (LÔBO, 2014). A relação entre medicina popular e a medicina moderna não se encerrou, em determinados casos as pessoas opinam por fazerem o uso exclusivo da medicina tradicional, ou então ter a medicina tradicional como auxiliadora no tratamento à base de remédios industrializados. No entanto, nas áreas ribeirinhas, o uso da medicina popular tem mais destaque.

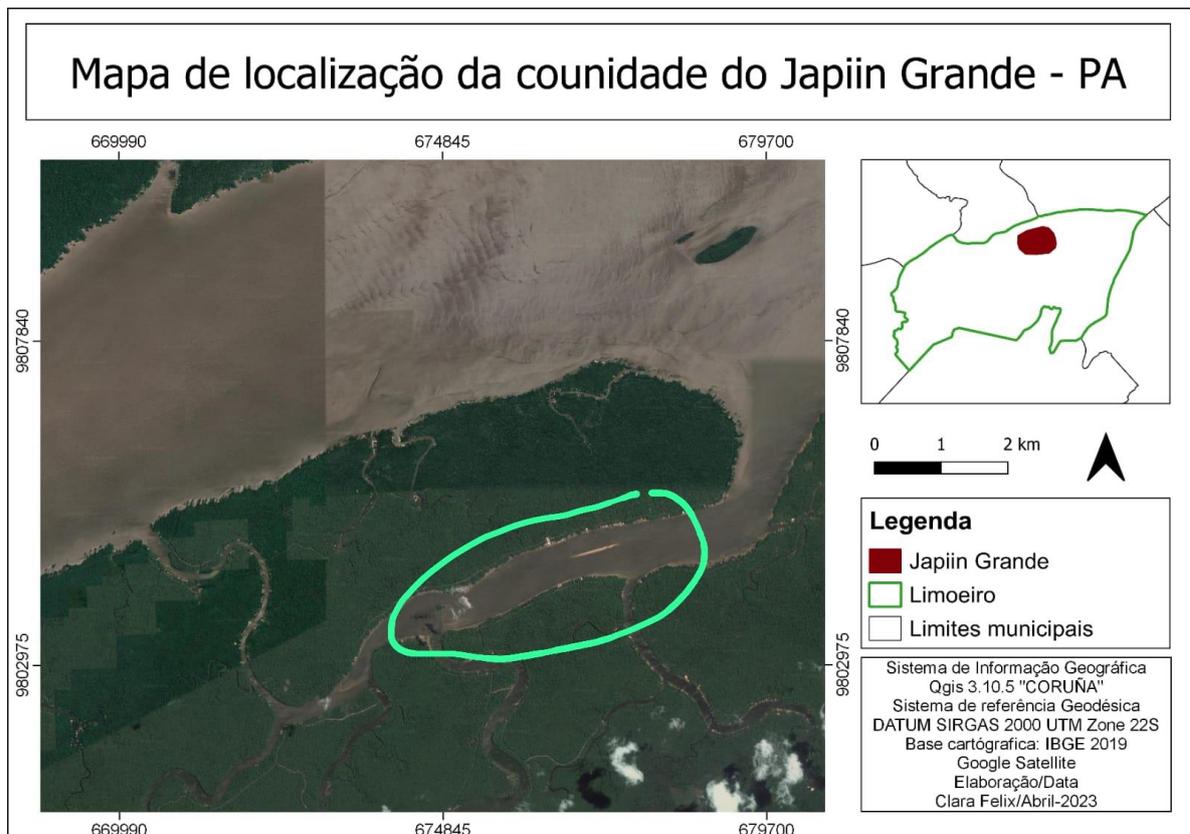
Em relação as mulheres ribeirinhas, resistentes do Rio Japim Grande, são mulheres ricas em saberes tradicionais, que cuidam da casa, dos filhos, estudam, trabalham e ajudam o próximo na hora da necessidade. Pinto (2010) destaca que essas mulheres “são mães, esposas, donas de casa” que ajudam no dia a dia e a prover o sustento do lar; desempenhando um importante papel social nas suas comunidades (PINTO, 2010).

## **2.2. Aspectos geográficos e cultural da localidade do Rio Japiim Grande**

A localidade do rio japim grande, pertence ao município de Limoeiro do Ajuru Pará na região do baixo Tocantins. É uma localidade ribeirinha banhadas pelas águas do Rio Japim Grande; de acordo com o último censo do IBGE 2022, residem nesse rio aproximadamente 150 habitantes. as moradias ficam espalhadas ao decorrer da extensão do rio, tendo moradores de ambos os lados. Para se ter acesso a essa localidade é possível realizar um percurso por meio aquático, através do rio limoeiro, na qual são realizadas viagens diariamente. É valido ressaltar que este rio também fica próximo do município de São Sebastião da Boa Vista e que os

moradores dessa localidade mantem um contato direto tanto com o município de São Sebastião da Boa Vista como com o de Limoeiro do Ajuru. A figura 1, mostra um mapa da localidade do Rio Japiim grande, um rio que fica próximo ao município de São Sebastião da Boa Vista.

**Figura 1 – Mapa da localidade do Rio Japiim Grande.**



Fonte: Elaboração Clara Felix, abril de 2023.

Para enriquecimento deste trabalho buscou-se conhecer um pouco do estilo de vida da população que mora no Rio Japim Grande. A renda econômica dos moradores está baseada em atividades extrativistas, como o cultivo do açaí. Também há muitos moradores do rio que são proprietários de barcos e estes trabalham como compradores de açaí, saem da sua localidade, muitas das vezes até mesmo do município para irem comprar açaí em outras localidades, o açaí comprado é vendido para fabricas localizadas na capital do estado, cidade de Belém. Esse processo comercial pode durar dias, até mesmo semanas. Além disso,

por ser uma área ribeirinha, onde os moradores fazem o uso da atividade pesqueira para seu próprio sustento, logo estes são beneficiados pelo seguro defeso.

Na questão religiosa, o rio conta com a presença de igrejas evangélica, católica, Deus é amor e cristã. Os habitantes desta localidade são muito ativos nas atividades religiosas, geralmente grandes eventos são realizados; como por exemplo o evento fixo de final de ano, onde as igrejas se reúnem para contratarem bandas e cantores que proporcionam grandes shows. A comunidade católica e outras famílias organizam a realização de torneios esportivos, onde grupos de pessoas se reúnem para se divertirem e disputarem um prêmio através do jogo de futebol. Os eventos realizados costumam atrair um grande número de pessoas, essas manifestações são vistas como meios de movimentar a encoima e adquirir renda.

Pinto (2010) em seu trabalho com as parteiras e curandeiras da região Tocantins, diz a respeito da importância da história oral para reconstrução dos saberes e preservação das tradições das comunidades rurais. Através dos relatos contados pelas mulheres tornou-se possível conhecer parte da história daquelas mulheres e do seu povo:

De entrevista em entrevista, acabei fazendo parte da vida de cada uma delas. Seus saberes e poderes foram se construindo nas minhas análises em dimensões inesperadas no exercício das (re)lembrações. Dessa forma, a memória oral, através de relatos orais das lembranças e histórias de vida, foi o principal fio condutor (PINTO, 2010, p: 37).

Do mesmo modo, através de entrevistas e conversas com as mulheres do rio japim grande, pude conhecer um pouco da história daquelas mulheres e observar as práticas cotidianas da população deste rio e como se dá o dia a dia das mulheres que residem nesta localidade.

Naturalmente elas acordam cedo, uma das primeiras tarefas a serem realizadas é tirar matapi, posteriormente retornam para a casa onde realizam as tarefas domésticas. No período de verão as famílias se organizam para irem ao manejo apanhar açaí, na maioria das vezes a mulher se levanta bem cedo para fazer as refeições que serão levadas para a mata; em muitos casos a mulher também acompanham o marido na tarefa de apanhar açaí, enquanto a filha fica na casa cuidando das crianças e tomando conta do lar.

Por ser uma localidade ribeirinha, a modalidade de estudo que atende os alunos de ensino médio é o módulo, que funciona apenas no horário da tarde. Desta forma, ao irem para o manejo para apanhar açai os jovens que precisam estudar devem retornar para casa no horário das 12:00horas.

No finzinho da tarde, reinicia-se a tarefa do matapi, onde a mulher faz a poqueca e organiza os matapi, que serão colocados pelo homem da casa ou por ela mesma. Posteriormente aqueles que frequentam a igreja se arrumam para irem ao culto.

### **2.3. “Nossos conhecimentos salvam vidas”**

As práticas desenvolvidas pelas mulheres que residem no Rio Japim Grande, se apresentam de grande importância para a comunidade local, uma vez que em situações de doenças são estas mulheres que ajudam a tratar as enfermidades da sua gente.

Essas mulheres são capazes de fazer remédios caseiros que ajudam a tratar os mais variados tipos de enfermidades, como; a folha do algodão com mel para tratar asma; chá de erva-cidreira para pressão alta; banho da folha do limão com capim marinho (também conhecido como capim santo) para constipação e gripe; chá da folha da planta da insulina para tratar o diabetes; chá da raiz da chicória para ataque de vermes, chá da casca da verônica para anemia, entre outros remédios.

Na figura abaixo, é possível perceber que muitas mulheres mantem uma variedade de plantas ao lado da casa, onde a qualquer momento essas folhas ou raízes podem ser colhidas para o uso. A imagem mostra também especificamente a planta gengibre, onde sua raiz pode ser utilizada em vários remédios caseiros, e também ela pode ser consumida pura mesma para a dor na garganta.

**FIGURA 2** – Plantas/gengibre.



Fonte: Arquivos da entrevista, FELIX (3023).

Durante a pesquisa de campo, foram entrevistadas, a dona Maria Domingas (avó), Dinelma (filha), Aquila Dieni (neta), essas mulheres são um exemplo de três gerações, onde a cultura popular do uso de plantas para fins medicinais é utilizada e repassada ao longo dos anos, deste modo preservando esses saberes.

**Figura 3** – Maria Domingas, Dinelma e Aquila Diene.



Fonte: Arquivo da pesquisa, FELIX (2023).

A medicina popular é presente constantemente no dia a dia das pessoas dessa localidade. Maria Domingas, mais conhecida como Dona Domingas, em seus relatos diz que “sempre opina por tomar um chá ou outro remédio caseiro, só toma um comprimido se for muito necessário”. A casa da dona Domingas fica próxima da casa de seus filhos, logo, em situação de que um filho(a) ou neto(a) esteja doente, ela sempre é alertada, a fim de que ela prepare algum remédio caseiro que ajude a tratar a doença.

(...) eu moro aqui há muito tempo, bom, meus filhos moram perto de mim, menos a Dinelma que mora do outro lado do rio. Só que eu

sempre ajudo, sabe, quando a criança fica doente, indico o tipo de folha que eles devem usada e como tem que ser feito o remédio, pois não poder ser feito de qualquer jeito (Fala de dona Maria Domingas).

Dona Domingas conhece muitas plantas, cipós, raízes, que podem ser usados como remédio; contudo, como ela diz, deve se ter cuidado na hora do preparo, “pois não pode ser feito de qualquer jeito”. Desta forma, não basta apenas conhecer a propriedade da planta, deve-se saber a forma de manuseio.

Olha, tem gente que pega a folha da chicória e a raiz e só joga água e deixa lá. Só que para o ataque de verme precisa fazer o chá da raiz da chicória, tem que ferver pra fazer efeito... outra coisa é o banho da folha do limão pra gripe, tem que colocar a folha em uma vasilha com água e deixar a noite toda no sereno e lavar a cabeça de manhã cedo (Fala de dona Maria Domingas).

A figura 6, é um registro da chicória, planta que fica logo ao lado da casa da dona Maria Domingas, de fácil acesso, que pode ser utilizada tanto para temperar comida, como também para fazer chá. O chá da raiz da chicória junto com suas folhas é utilizado para acalmar ataques de vermes.

**Figura 4** – chicória



Fonte: Arquivo da pesquisa, FELIX (2023).

O azeite de andiroba é um dos remédios caseiros mais utilizados pela comunidade ribeirinha do Rio Japiim Grande, como também por maior parte das pessoas que residem tanto na zona rural, como na zona urbana. Mas é interessante que pare se ter o azeite da andiroba é necessário que se siga um longo processo:

“Depois de ajuntar o fruto do andiroba, a gente ferve até amolecer, quando amolece aquela casca dura, a gente tira do fogo, empalha no pano, aí fica um mês ou 25 dias empanado no pano, depois a gente quebra, tira a maça da casquinha tudinho e coloco numa saca, amaça e põe pra escorrer, tem gente que põe em uma bacia” (Fala de dona Maria domingas).

A figura 7 mostra o fruto da andiroba logo após ser colhido na mata, e a imagem 8 mostra o azeite da andiroba já pronto para ser utilizado em massagens, ou em outros tipos de remédios.

**Imagem 5** – Fruto da andiroba.



Fonte: Arquivos da pesquisa, FELIX (2023).

**Imagem 6** – Azeite da andiroba.



FONTE: Arquivo da pesquisa, FELIX (2023).

A medicina popular envolve muito mais que apenas conhecer a propriedade de ervas, tem o cultivo, o preparo e maneira como dever ser consumido. Nos relatos da senhora Dinelma Pinheiro, ela diz da importância que a medicina popular teve na vida do seu esposo; ele estava com pedras no rim, sentia dor constante, o que deixava eles preocupados, até que uma outra pessoa lhe indicou um chá que ajudou e fez com que ele expelisse as pedras, descartando a possibilidade da cirurgia que ele deveria fazer:

Um dia uma mulher mandou eu fazer o chá da folha da jaca com quebra pedra e graças a Deus deu certo, ele colocou as pedras... Nossos conhecimentos salvam vidas (Fala de Dinelma Pinheiro).

Esses saberes e práticas da medicina tradicional é vista como um diferencial pela comunidade ribeirinha do Rio Japim Grande. Em situações de emergência são mulheres ricas em conhecimentos que fazer os primeiros cuidados, sendo por meio de chá, xarope, massagem, elas ajudam a salvar vidas; aliviados dores, regulando sangramentos, ou até mesmo como no caso do esposo da dona Dinelma curando de enfermidades que só seriam solucionadas através de cirurgias.

O saber tradicional de cultivar, manusear e utilizar remédios a base de plantas e raízes não é restrito apenas as mulheres mais experientes, pois as moças também adquirem esses saberes. Aquila Dieni, é uma moça de 22 anos que aprendeu desde criança a prepara remédios caseiros. Quando a mãe ou o pai não estão bem, é ela quem dá o suporte necessário eles. Ao perguntar a ela sobre quais remédios ela conhecia e poderia citar, ela disse:

xarope de mel de abelha, gengibre, limão e alho, que é bom pra tosse e pra gripe... a andiroba que a gente usa pra puxar...forçangue pra anemia...além dos remédios que eu faço pro meu cabelo... banho do capimarinho e mocrecido, babosa, esses são alguns, agora não consigo lembrar de mais (Fala de Aquila Dieni).

Aquila também relatou que um remédio que ela faz com frequência para seu próprio uso é o banho da folha do limão.

“o banho da folha do limão é bom pra gripe... quando to gripada vou logo aqui no lado de casa e apanho umas folhas de limão para fazer o banho para banhar minha cabeça... é só colocar as folhas em uma bacia com água, deixar a noite toda no sereno e de manhã bem cedo a gente lava a cabeça com ele” (Fala de Aquila Dieni).

Como retratado na imagem 9, o banho da folha do limão assim como outros remédios como a mistura do mel de abelha com o azeite de andiroba e o suco do limão, são importantes aliados na cura da gripe.

**Figura 7** – Banho da folha do limão.



Fonte: Arquivo da pesquisa, FELIX, 2023.

A medicina popular está enraizada na cultura das mais variadas populações, e esses conhecimentos que são herdados de suas antepassadas, são zelados e preservados na memória, são considerados como dádivas, que fazem toda diferença no dia a dia dessa gente. Esses saberes vêm sobrevivendo ao longo do tempo e sendo repassados através da oralidade e da observação para as gerações futuras.

## **2.4. A transmissão de Saberes e práticas com ervas medicinais das Mulheres do Rio Japiim Grande**

Dando destaque para a oralidade, que vem sendo um meio utilizado pelas mulheres no repasse dos costumes e saberes ao longo dos anos. “Onde nem Os saberes das mais variadas práticas de manuseios de ervas vêm sendo repassado de geração em geração ao longo dos anos. Nesse sentido a história oral ganha grande destaque; uma vez que as práticas, manuseio e preparo de ervas nem sempre estão registradas de forma escrita, mas são preservados na memória dos anciões e repassado através da oralidade para as gerações mais novas.

De acordo com as análises de Paul Thompson (1992), a oralidade como fonte de pesquisa nos permite conhecer a realidade vivida pelas pessoas no seu meio social. E quando se usufrui da experiência de vida das pessoas, a história ganha novos significados, pois a História Oral “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” Desta forma, registrando a experiência de pessoas comuns se vai enriquecendo o saber histórico (P. THOMPSON, 1992).

Delgado (2003)), fazendo uma análise da relação entre memória e história, discorre sobre a importância da oralidade como suporte, e como processo de construção e reconstrução da memória para constituição dos processos histórico e como a história oral contribui para a transmissão das experiências da vida cotidiana (DELGADO, 2003):

registros orais ou escritos são caracterizados pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade (DELGADO, 2003).

Como já vimos, desde os primórdios a humanidade faz uso de ervas e plantas para fins curativos, possuindo um vasto conhecimento da farmacopeia natural; e como esses saberes são repassados de uma geração para outra no decorrer do tempo, através da oralidade, das reminiscências, das vivências e

experimentações cotidianas. Pois, nem sempre estão registrados de forma escrita, logo, é através da oralidade e experiências, que se dá a transmissão dos saberes tradicionais. Graças a esse método herdamos os saberes tradicionais de nossos antepassados.

Na localidade do rio Japim Grande, as mães ensinam as filhas a prepararem remédios caseiros e informam a necessidade que aquele remédio atende. É nas cozinhas, muitas das vezes um cômodo a parte da casa, coberto de palha com um fogão a lenha que esse ritual acontece. As senhoras ensinam as moças como se manuseia a erva e como se dá o preparo dela. Em muitas casas as plantas e ervas com teores terapêuticos são plantadas ao lado das residências, em locais de fácil acesso. Contudo em algumas situações, cipós, ou outras plantas, que nascem por si só na natureza, estão espalhadas pela mata, e são coletados no caso de necessidade por essas mulheres, seus esposos ou algumas pessoas da família, que adentram matas, margens de rios e cabeceiras de igarapés para fazer a devida retirada.

Dona Dinelma, conta que ensinou a filha desde cedo a prepararem chás que ajudam a aliviar a “dor na barriga” causada por prisão de vento. Para esta entrevista, é necessário “saber fazer essas coisas, pois nem sempre temos remédios em casa”. Conta, ainda, que em momentos que ela não se encontra bem, “já é uma das meninas que faz o chá”. Através dessa relação de mãe e filha, preserva-se a cultura tradicional da farmacologia, tratando enfermidades com remédios naturais.

O repasse de conhecimento não se baseia somente na oralidade, de história contadas, como também a partir da observação da prática cotidiana. Onde as moças somente ao observarem as mais idosas plantares ou prepararem remédios caseiros aprendem como se faz.

Ao ser questionada a mineira como aprendeu a fazer remédios caseiros, Aquila Dieni diz que foi através da mãe e da avó que ela aprendeu, contudo nem sempre foi porque elas ensinaram algumas vezes apenas a partir de ver como elas faziam ela aprendeu a fazer.

foi a mamãe que me ensinou alguns, só que outros eu aprendi só vendo como ela fazia. A vovó também falava sobre alguns remédios

e o que tinha que usar para fazer e assim eu fui aprendendo (Fala de Aquila Dieni)

É nas cozinhas as vezes coberta de palha e isolada da casa principal ou hora da doença que as mães ensinam as filhas a fazerem remédios com plantas ou então em um momento de roda de conversa em que várias mulheres de diferentes faixas etárias estão reunidas que ocorre repasse dos diferentes tipos de conhecimentos; desta forma preservando os saberes tradicionais e a cultura local daquela comunidade.

Deise Pinheiro, uma mocinha de 17 anos, que conhece a propriedade curativa de diversas plantas e o preparo de muitos remédios, também ressalta a importância da oralidade e da observação na hora de aprender, pois não foi através de livros ou na internet que ela aprendeu, sim observando a mãe e avó:

minha avó era o tipo de pessoa que cuidava de todos nós, quando alguém ficava doente era logo na casa dela que ia arranjar remédio ou chamar ela pra fazer. Eu morei com ela um tempo, então prestava atenção quando ela tava fazendo, ela fazia chá de pariri com leite pra gente tomar, além de outros chás que era ruim pra caramba. Na época da covid ela fazia chá da folha do jambu, com alho e o limão com tudo a casca pra gente tomar, pois diziam que era pra prevenir... a mamãe também fazia e eu abri com elas (Fala de Deise Pinheiro, 17 anos).

É comum na localidade do rio Japim Grande as pessoas saberem preparar remédios caseiros, sendo que em um dado momento todos fazem o uso destes. E vendo que esses conhecimentos são repassados de mãe para filha, neta, logo os conhecimentos não morrem, mas sim prevalecem ao decorrer do tempo.

A oralidade é uma das principais fontes usadas pelas comunidades rurais na preservação dos seus costumes. E para se ter um conhecimento amplo da realidade vivida pelas mulheres do rio Japim Grande, é necessário que a história oral seja a fonte primária de pesquisa, é os relatos contados por elas que enriquecem este trabalho. E todo conhecimento que temos na atualidade, vem sendo repassado de geração em geração através do tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é de grande importância para conhecermos os primórdios da fitoterapia e também para entendermos a mineira como os saberes tradicionais da medicina popular se manifestou nas diferentes civilizações. No Brasil a fitoterapia se espalhou por todas as regiões; sendo desenvolvida e aprimorada pelos diversos povos. Ao decorrer da pesquisa percebemos que a cultura da medicina popular brasileira foi formada a partir da mistura de saberes dos diferentes povos, indígenas, europeus e africanos, que diversificaram a medicina popular brasileira. Em questão da região norte, especificamente do baixo Tocantins, onde comunidades ribeirinhas fazem o uso constante da medicina popular e sendo que as mulheres ganham grande destaque nesta profissão.

Durante a pesquisa bibliográfica percebemos que um grande preconceito foi estabelecido e que muitas mulheres que dominavam e conheciam as propriedades curativas das plantas, foram incriminadas e tidas como bruxas por simplesmente utilizarem as plantas para curar doenças. Esse equívoco causou a morte de muitas mulheres e espalhou um estereótipo que permanece até os dias atuais, onde elas são vistas como feiticeiras.

Levada por essas inquietudes, assim com, buscando também descortinar esse tipo de estereótipo é que este trabalho de conclusão de curso objetivou refletir a respeito do contexto histórico envolvendo mulheres detentoras de conhecimentos fitoterápicos, buscando analisar práticas e saberes tradicionais no uso de plantas e ervas medicinais de mulheres da comunidade ribeirinha localizada no rio Japiim Grande, no município de Limoeiro do Ajuru

O uso de plantas para fins curativos tem uma grande importância nas áreas rurais, e na comunidade ribeirinha localizada rio Japiim Grande, não é diferente, uma vez que a medicina moderna, a dita oficial, acaba sendo restrita em localidades como essa, sendo muitas vezes difícil para seus habitantes o acesso a serviço de saúde de qualidade. Logo, a alternativa viável e confiável disponíveis são os remédios à base de plantas e ervas medicinais. E nesse cenário são as mulheres que dominam a arte das plantas e raízes que com as quais tratam as enfermidades da sua gente.

Desta forma, a medicina popular se faz presente no dia a dia da população da comunidade do Rio Japim Grande, ajudando a cuidar e preservar a vida. E esses saberes tradicionais que as mulheres carregam são preservados e repassados no decorrer dos anos para as gerações mais novas, que deste modo seguem mantendo vivos a cultura e os saberes dos habitantes desta comunidade.

Neste contexto, dados do presente estudo apontam que os saberes fitoterápicos vêm sendo preservados ao longo do tempo nessa comunidade, e que a medicina popular está presente no dia a dia das diversas comunidades, ribeirinhas e rurais da região Amazônica, sendo as mulheres as detentoras desses saberes e peças fundamentais no repasse deles. Nos proporcionando, portanto, acesso aos conhecimentos e saberes das mulheres habitantes da comunidade do Rio Japiim Grande, no cultivo, técnicas de manipulação e utilização de ervas e plantas no tratamento de diferentes enfermidades da sua gente, a partir dos conhecimentos, que possuem das propriedades curativas das plantas, próximas de suas casas ou nas matas e beiras de rios e igarapés, têm ajudado a salvar vidas nos locais onde moram.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA**

### **a) FONTES ORAIS:**

COSTA: Maria Domingas. Conhecedora de práticas e manuseio de ervas medicinais, moradora do Rio Japiim Grande, Limoeiro do Ajuru-PA, entrevista 23/02/2023

PINHEIRO: Aquila Diene Costa. Conhecedora da prática de manuseio e preparo de remédios caseiros, moradora do Rio Japiim Grande, Limoeiro do Ajuru-PA, entrevista 23/02/2023

PINHEIRO: Dinelma Costa. Conhecedora de saberes fitoterápicos.

FELIX: Deise Pinheiro. Conhecedora de remédios caseiros, moradora do rio Japiim Grande, Limoeiro do Ajuru-PA, entrevista 10/01/2023.

### **b) FONTES IMAGÉTICAS:**

Mapa do rio Japim Grande;

Imagens fotográficas que foram feitas no decorrer da pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Andrade Maria Antônia. **A identidade como representação e a representação da identidade**, 2005. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos Interdisciplinares de representação social. Goiânia: A-B Editora, 1998.

BANÓSKI, Solange Aparecida. **3 ERVAS MEDICINAIS**. [s.l.], 2002.

BARBOSA, Wagner L. R. **Etnofarmácia fitoterapia popular e ciência farmacêutica**. Belém: Editora UFPA, 2009.

BORGES, Lediane Silva. **HISTÓRIA, MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E @EXISTÊNCIA: entre saberes e fazeres do/no Quilombo de Bailique Centro, Município Oeiras do Pará**. Cametá-PA, 2021.

CARNEIRO, Henrique. **Filtros, mesinhas e crianças: As drogas no mundo moderno**. São Paulo, 1994 [2005].

CARVALHO, Fabricio Alves. **HISTÓRIA, MEDICINA TRADICIONAL, PRÁTICAS E SABERES UTILIZADOS NO BAIRRO NOVO, CAMETÁ-PA, NO PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19**. Cametá-PA, 2023.

CORRÊA JUNIOR, C., LIN, C.M., SCHEFER, M.C. SOB, Informa, 1991.

DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo. São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 157-170, janeiro-junho, 2013.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e narrativas: Tempo, memória e identidade**. In dossiê do VI encontro nacional de História Oral, 6, 2003.

GADELHA, Claudia Sarmiento; JUNIOR, Vicente Maia; BEZERRA, Kevia Katiucia;

PEREIRA, Bárbara Bruna; MARACAJÁ, Patricio Borges. **Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil**. *Revista Verde (Mossoró – RN)*, v. 8, n. 5, p. 208 - 212, (Edição Especial) dezembro, 2013 .

GODOY, Arilda schmidt. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES**. São Paulo, 1995.

LOBO, Milene Mindêlo. História e prática de curas com plantas medicinais na comunidade de Belos Prazeres, município de Cametá/PA. FACHTO/UFPA - Cametá, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso-TCC)

LOBO, Milene Mindelo. Saberes Ancestrais: Práticas de Curas com Remédios do Mato Entre o Povo Assuriní do Trocará, no Município de Tucuruí, Pará”. PPGEDUC/UFPA-Cametá, 2023 (Texto de Qualificação de mestrado em Educação) – Universidade do Estado

do Pará, Belém, 2023.

MARQUES DE SÁ, Elizabete N. **Plantas medicinais – Histórico**. Ceará, 1999. Disponível em < [http://www.geocities.com/plantas\\_medicinais/historic.htm](http://www.geocities.com/plantas_medicinais/historic.htm)> Acesso em 10 de novembro de 2022.

MATOS, MATOS e BRITO. **USO EMPÍRICO DE PLANTAS MEDICINAIS POR MULHERES**. Misericórdia do Pará, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. – 4. Ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é a medicina popular**. São Paulo: Abril Cultura e Brasiliense, 1985.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **“Filhas da Mata”: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina** / Benedita de Celeste de Moraes Pinto. Belém: Açai, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes; PINTO, Sherlyane Louzada. **Farmácia Viva: Lugar de Experiências com Plantas Medicinais**. Campinas, SP: Labour; Cametá, PA: BCMP, 2021.

PINTO, Sherlyane Louzada. **PLANTAS MEDICINAIS: SABERES, PRÁTICAS E ENSINAMENTOS PRESENTES NA VIVÊNCIA DE ANTIGOS MORADORES DA CIDADE DE CAMETÁ-PA**. Cametá-PA, PPGEDUC/UFOA-Cametá, 2018 (Dissertação de Mestrado)

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** Projeto História, São Paulo, n. 14, fevereiro, 1997, pp. 25-39.

SIQUEIRA, Hadriane Carvalho. **Levantamento Etonobotânico das Plantas utilizadas com fins Curativos no Município de Cametá-PA**. 2008. Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOSI, Lucía. **MULHER E CIÊNCIA: A Revolução Científica, A Caça às Bruxas e a Ciência Moderna**. Cadernos pagu (10) 1998: pp.369-397.